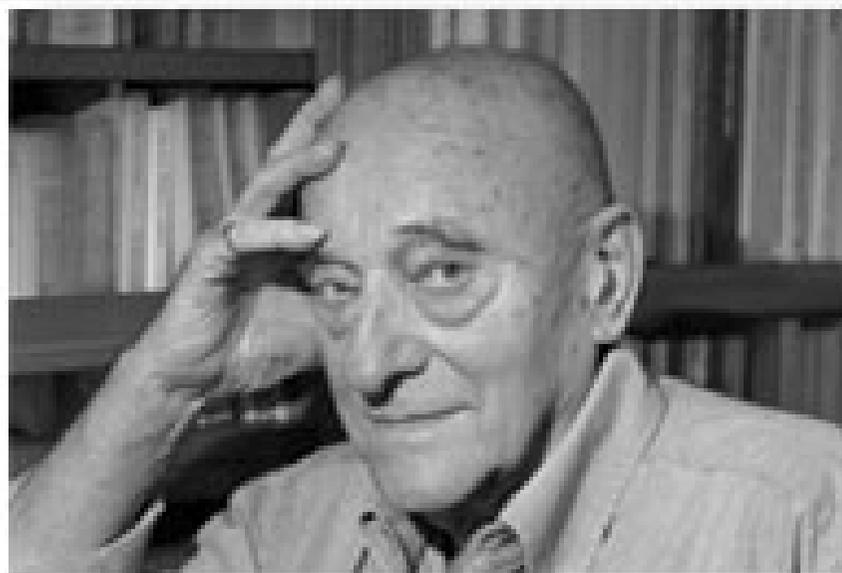
The painting 'The Persistence of Memory' by Salvador Dalí, 1931. It depicts a surreal landscape with a dark, flat ground and a pale, hazy sky. In the foreground, a wooden table holds a melting pocket watch, a small red plate with black seeds, and a dead, gnarled tree branch. In the background, a melting pocket watch hangs from another dead tree branch, and a melting pocket watch is attached to a white, melting face. The background features a rocky cliffside and a body of water reflecting the sky.

TEMPO & NARRATIVA

A persistência da memória, 1931. Salvador Dalí

DISCURSO DA NARRATIVA

Gérard Genette



ersidade

Extraído do livro *Figures III*

TEMPO

DA
NARRAÇÃO

tempo em que se situa
o narrador da história

Às vezes explícito,
às vezes não

DA
NARRATIVA

Tempo da história

O tempo da narração geralmente não coincide com o tempo da narrativa.

Sento-me aqui nesta sala vazia e relembro. Uma lua quente de Verão entra pela varanda, ilumina uma jarra de flores sobre a mesa. Olho essa jarra, essas flores, e escuto o indício de um rumor de vida, o sinal obscuro de uma memória de origens. No chão da velha casa a água da lua fascina-me. Tento, há quantos anos, vencer a dureza dos dias, das idéias solidificadas, a espessura dos hábitos, que me constrange e tranqüiliza. Tento descobrir a face última das coisas e ler aí a minha verdade perfeita. Mas tudo esquece tão cedo, tudo é tão cedo inacessível. Nesta casa enorme e deserta, nesta noite ofegante, nesse silêncio de estalactites, a lua sabe a minha voz primordial.

(*Aparição*, p.9, Vergílio Ferreira)



O TEMPO DA DIEGESE

TEMPO
da diegese

CRONOLÓGICO

PSICOLÓGICO

Objetivo

Caracterizado por
indicadores: anos, meses...

Extenso ou curto
Pode ser medido com rigor

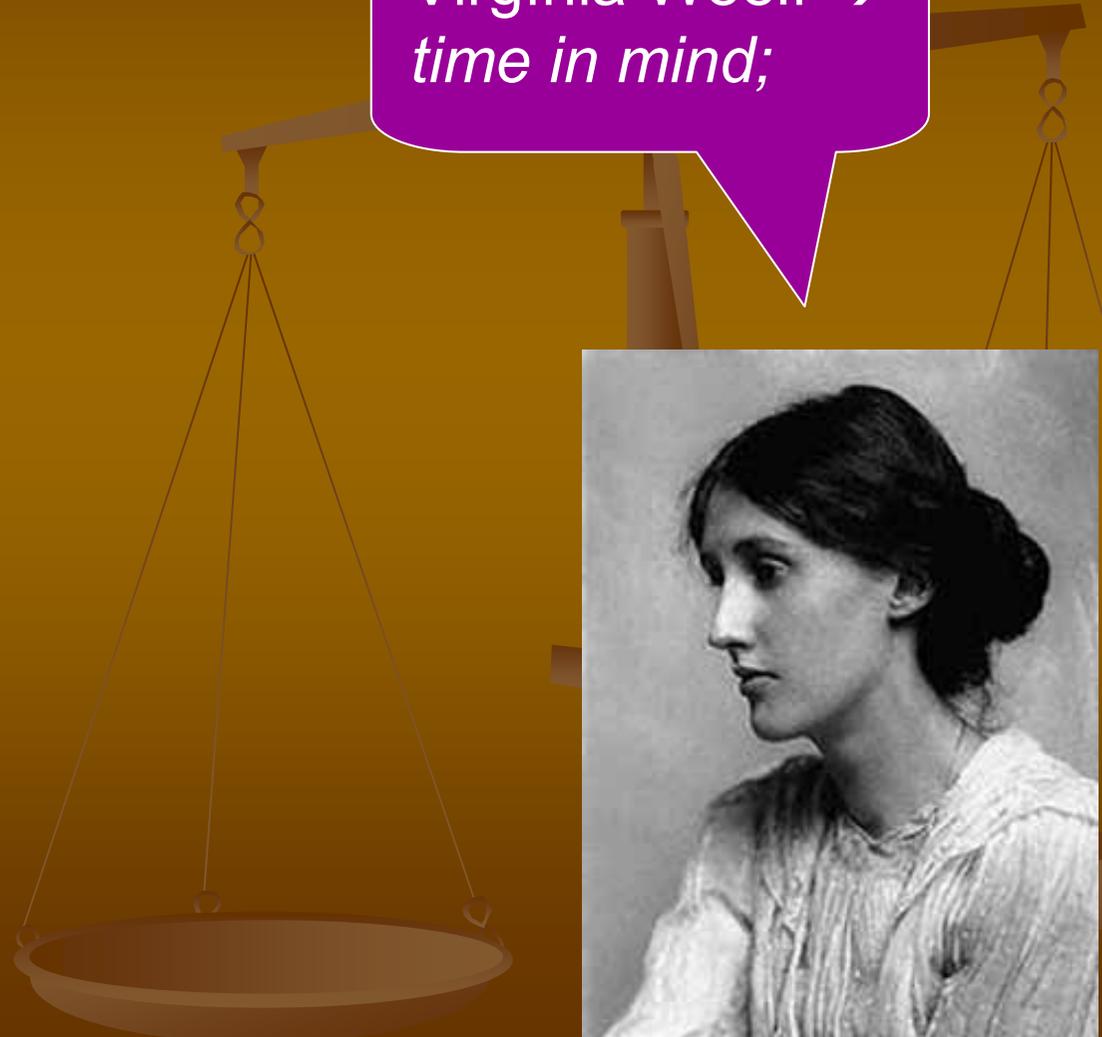
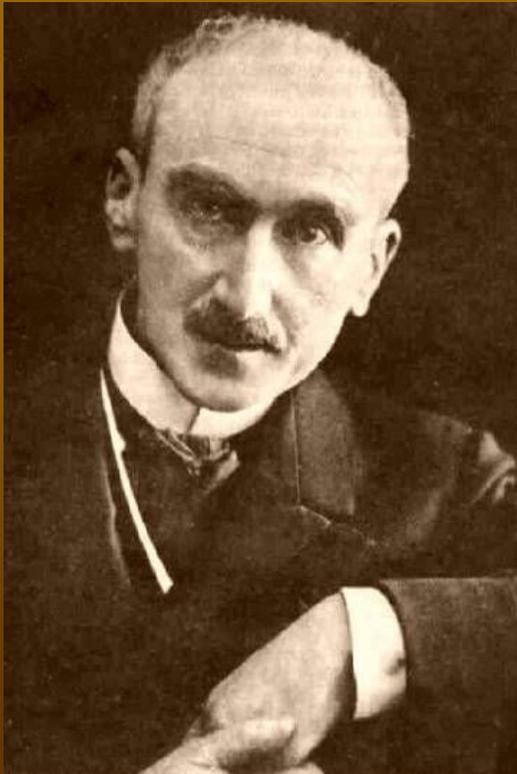
fluido e mais complexo,
subjetivo

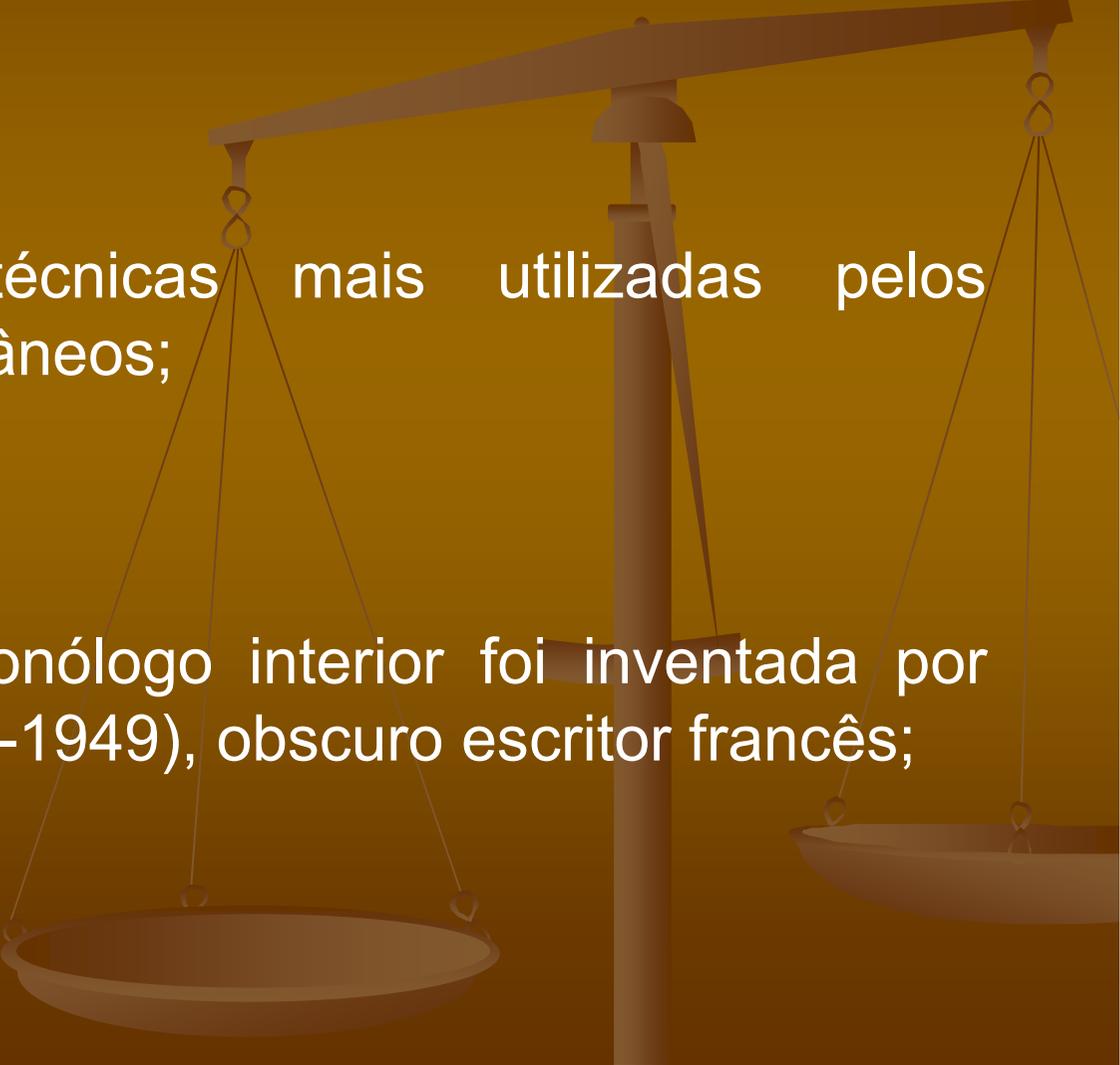
o tempo vivencial das
personagens

Dois pilares: **memória
involuntária & fluxo de
consciência**

Bergson →
durée

Virgínia Woolf →
time in mind;





✚ O *monólogo interior* é a técnica por excelência do tempo psicológico.

✚ é uma das técnicas mais utilizadas pelos romancistas contemporâneos;

✚ A técnica do monólogo interior foi inventada por Édouard Dujardin (1861-1949), obscuro escritor francês;

Lembra um verão muito antigo e as suas tardes, as suas noites. Tento recordá-lo agora e não consigo. Talvez da neve, deste deserto polar. Terei de reinventar tudo? até a memória? Mas lembro-me de muita coisa, a memória dura ainda. Avulsa, estranha, como súbitas luzes - escreverei para esquecer? Como quem confessa uma culpa? Para lembrar ainda, para ser tudo ainda fora do tempo e da morte? Há de haver talvez uma razão. Quando era novo, tinha razões quando queria, porque tinha os músculos no seu lugar e estava cheio de conquista. Mas a vida leva-nos tudo, estraga tudo, apodrece-nos o corpo e quanto tínhamos criado nele. Às vezes lembra-me: vou enterrar depois os papéis no quintal. Pode ser ao pé de Águeda. Mas não: seria ridículo. Ridículo para quem? E se eu os guardasse para o meu filho?

Mas eu não sabia nada, a não ser o que estava à vista de todos. Mais tarde, ainda lhe perguntei uma vez:

- Águeda! Por que fizeste aquilo?

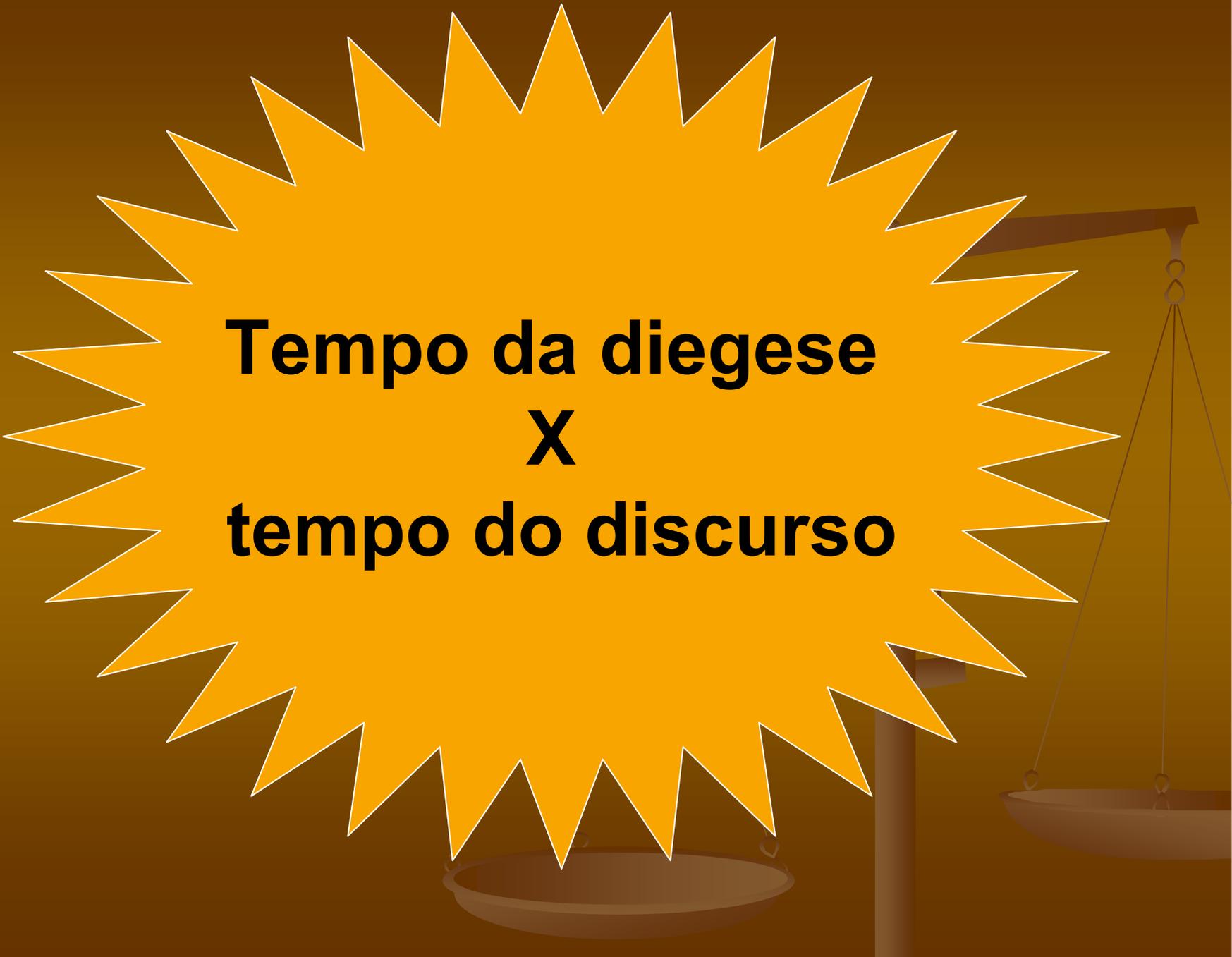
Ela não me respondeu nada, os olhos fitos no lume, e a balançar-se, a balançar-se.

Ela lá estava à janela, as mãos finas saídas do peitoril, como dois lírios. Eu dizia:

- Boa tarde,

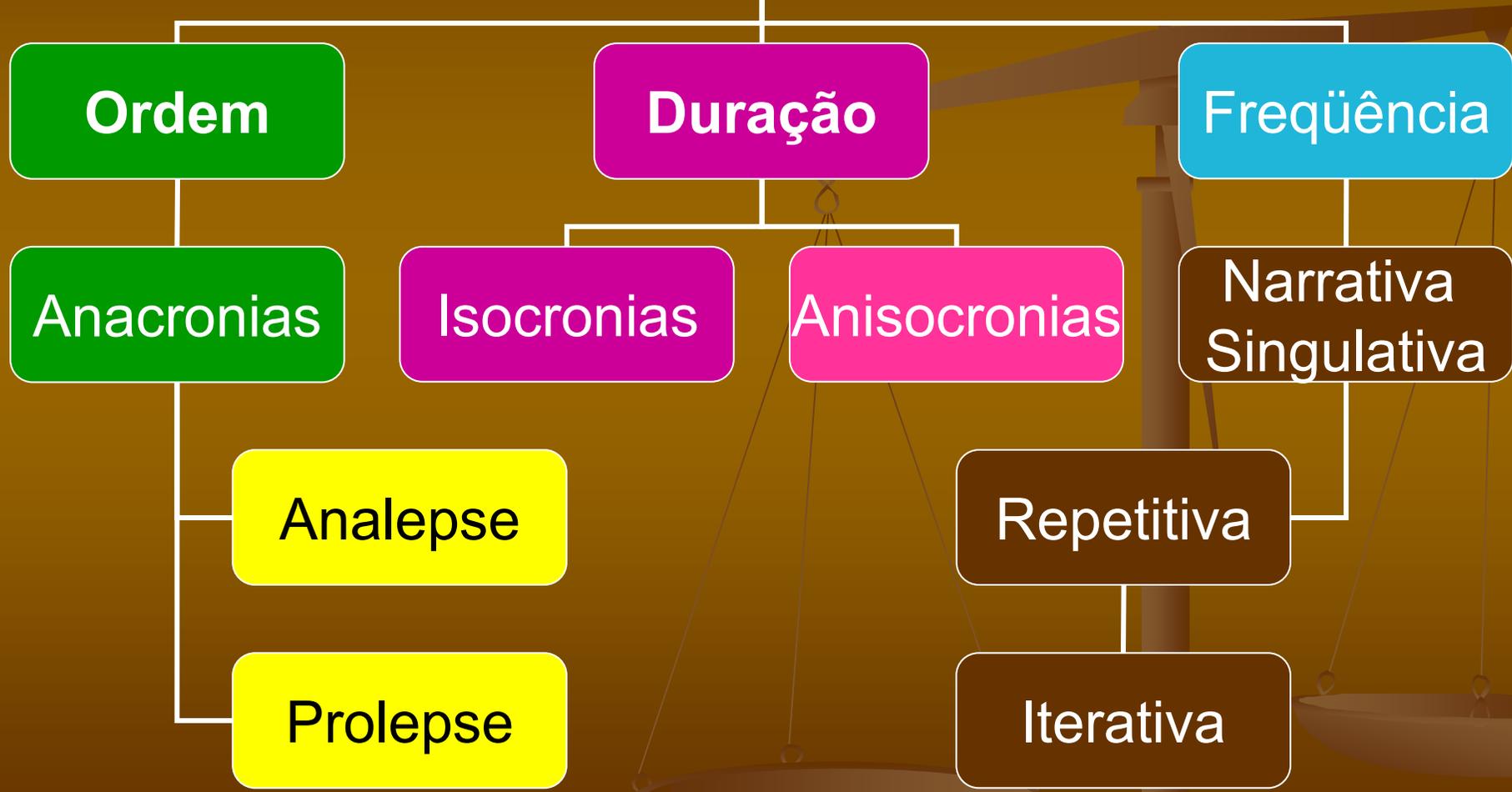
e ela então reparava em mim. Tinha olhos claros, fechando para o cinzento, e um olhar intenso, urgente, angustiado como o de um cão. Deves ter-te encerrado nessa angústia - que angústia? quando vieste para minha casa. Porque se contam as palavras que disseste. Angústia, ou terror, ou uma cólera absurda. Agora emudeceste para sempre. A neve sobre a tua campa. Dorme. E o que perdura da tua memória para mim é apenas aquele grito enorme que me atiraste da janela, quando. E a tua última palavra, sufocada de morte e de maldição. Estávamos só, os dois, a aldeia fora abandonada. O vento, o vento. Custa-me escrever. Prolongam-se nele os uivos dos cães. É o vento? A terra uiva. (p. 31)

Vergílio Ferreira. *Alegria breve*.



**Tempo da diegese
X
tempo do discurso**

3 relações tempo
diegese X discurso



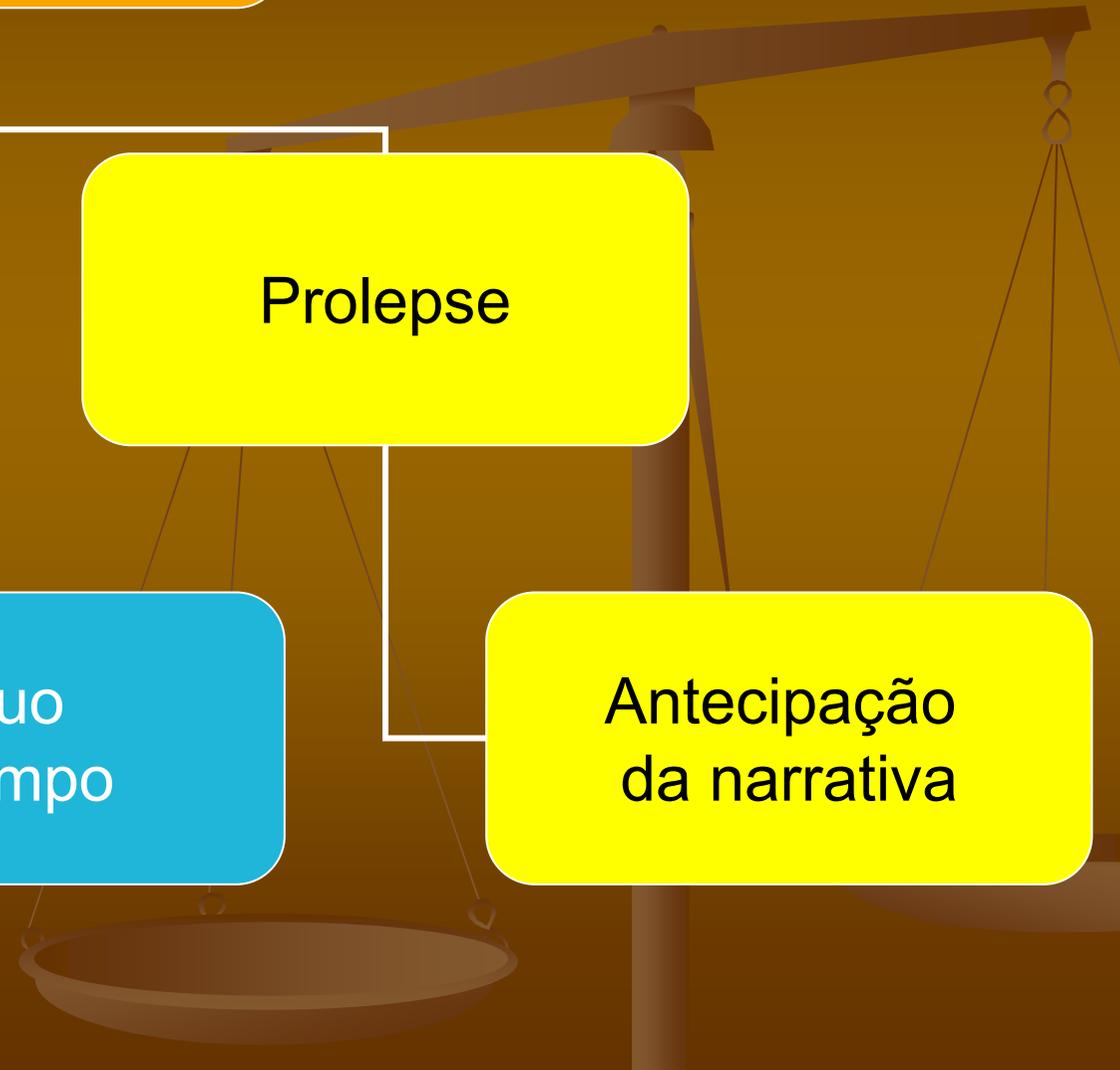
**ORDEM =
ANACRONIAS**

Analepse

Prolepse

**Recuo
no tempo**

**Antecipação
da narrativa**



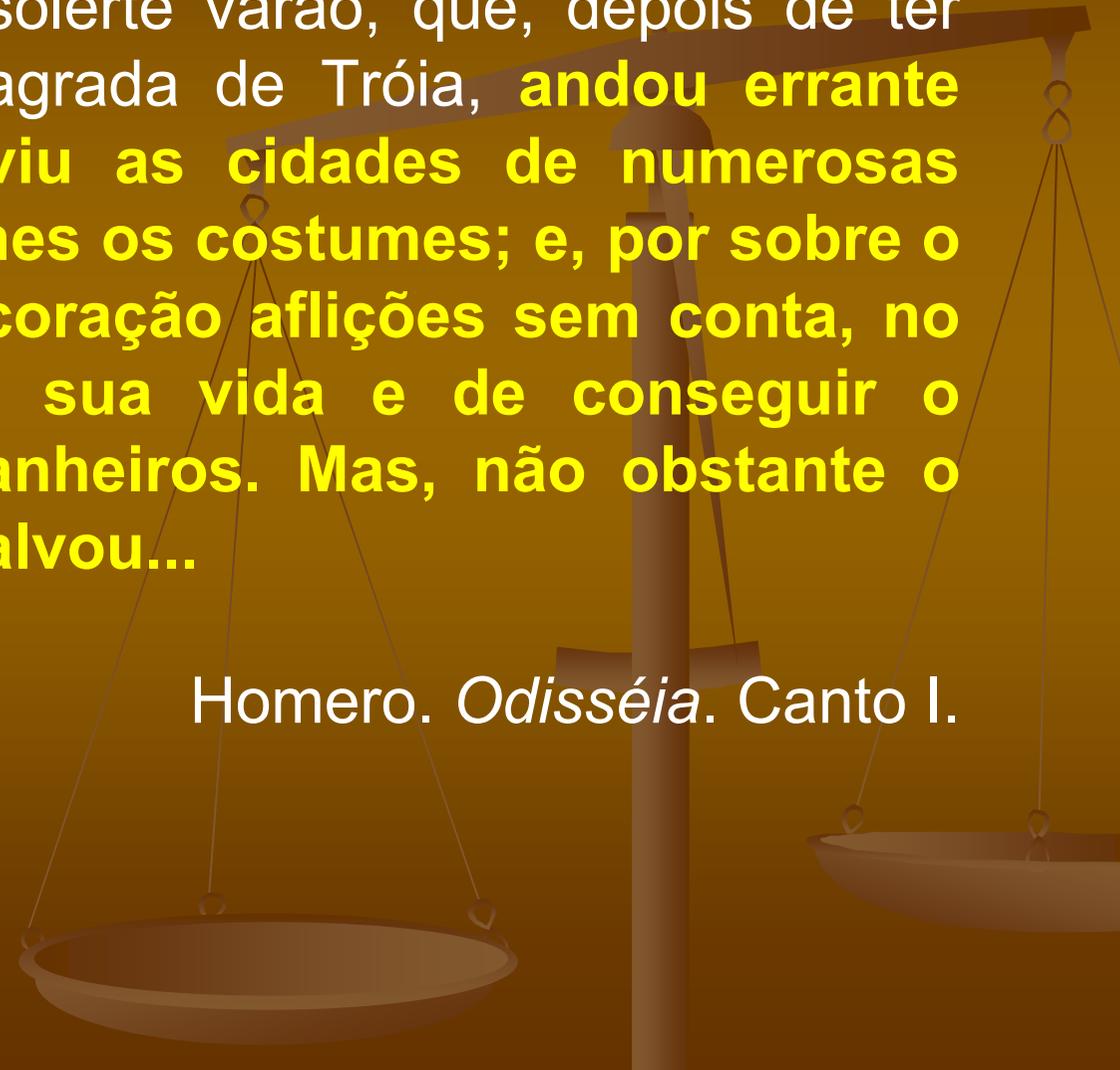
EXEMPLOS



Enseada amena de Augusto Abelaira.

Um dia, faltam mais de quatro meses, o Osório há-de dizer ao Alpoim, ao Alpoim que neste instante está lá à frente, no tempo, à espera dele(...) (2^a. edição, Lisboa: Bertrand, s/d., p. 49)

O Alpoim – ele ainda está neste momento fora desta história e é como se não existisse, embora já tenha trinta e oito anos, ele, que não conhece a Maria José, a qual, aliás, há-de vir a desejar profundamente – respondera (...) (id., p.51)



Ó Musa, fala-me do solerte varão, que, depois de ter destruído a cidade sagrada de Tróia, **andou errante por muitas terras, viu as cidades de numerosas gentes e conheceu-lhes os costumes; e, por sobre o mar, sofreu no seu coração aflições sem conta, no intento de salvar a sua vida e de conseguir o regresso dos companheiros. Mas, não obstante o seu desejo, não os salvou...**

Homero. *Odisséia*. Canto I.

prolepses e
analepses

modificam a
“narrativa
primeira”,

Aparecimento

acrescentam
novo
conteúdo

preenchem
lacunas

exposição
separada
Ex.: capítulo

intercaladas
à narração
do momento

Analepses prolépticas

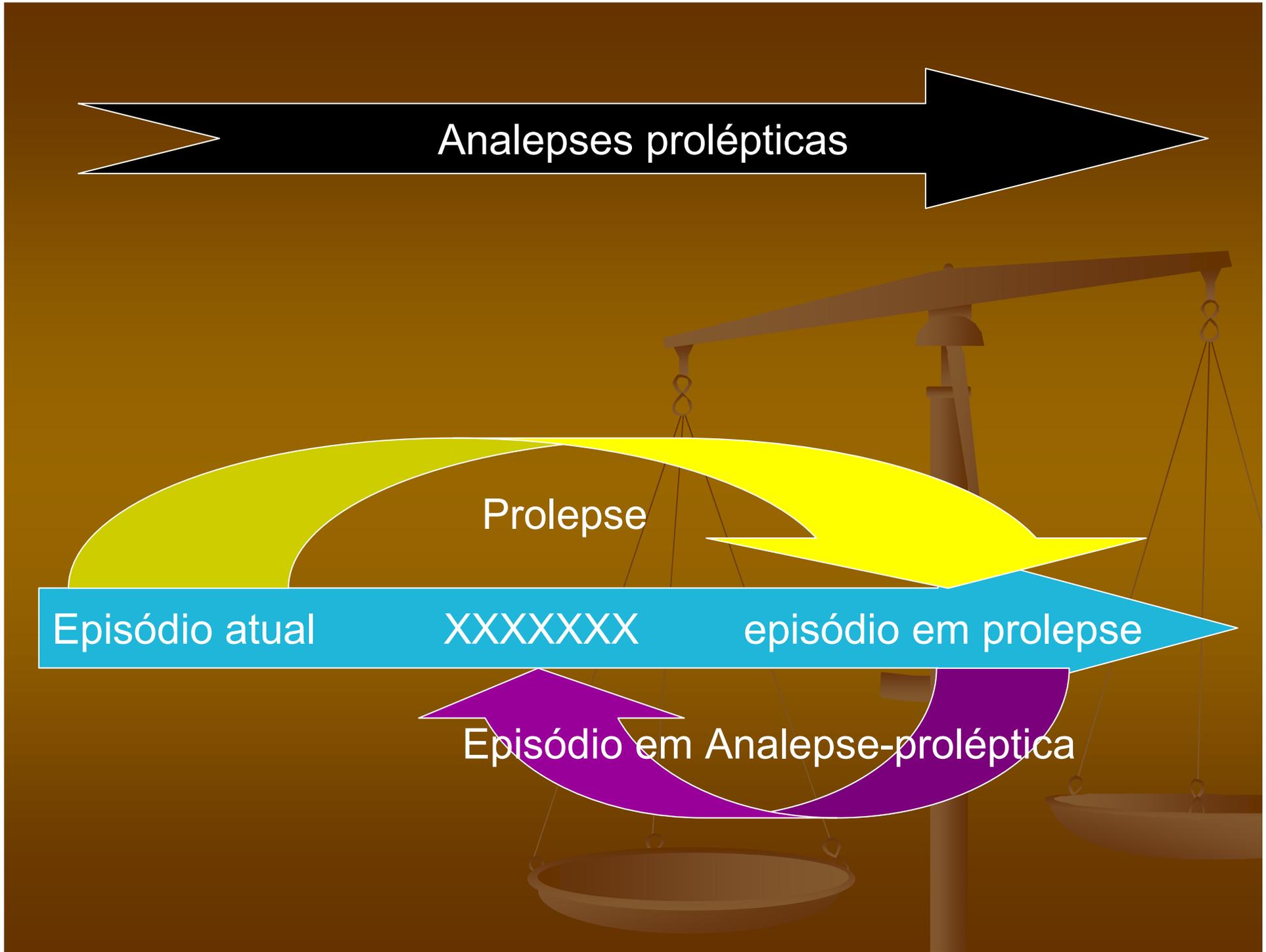
Prolepse

Episódio atual

XXXXXXXX

episódio em prolepse

Episódio em Analepse-proléptica



prolepses analépticas

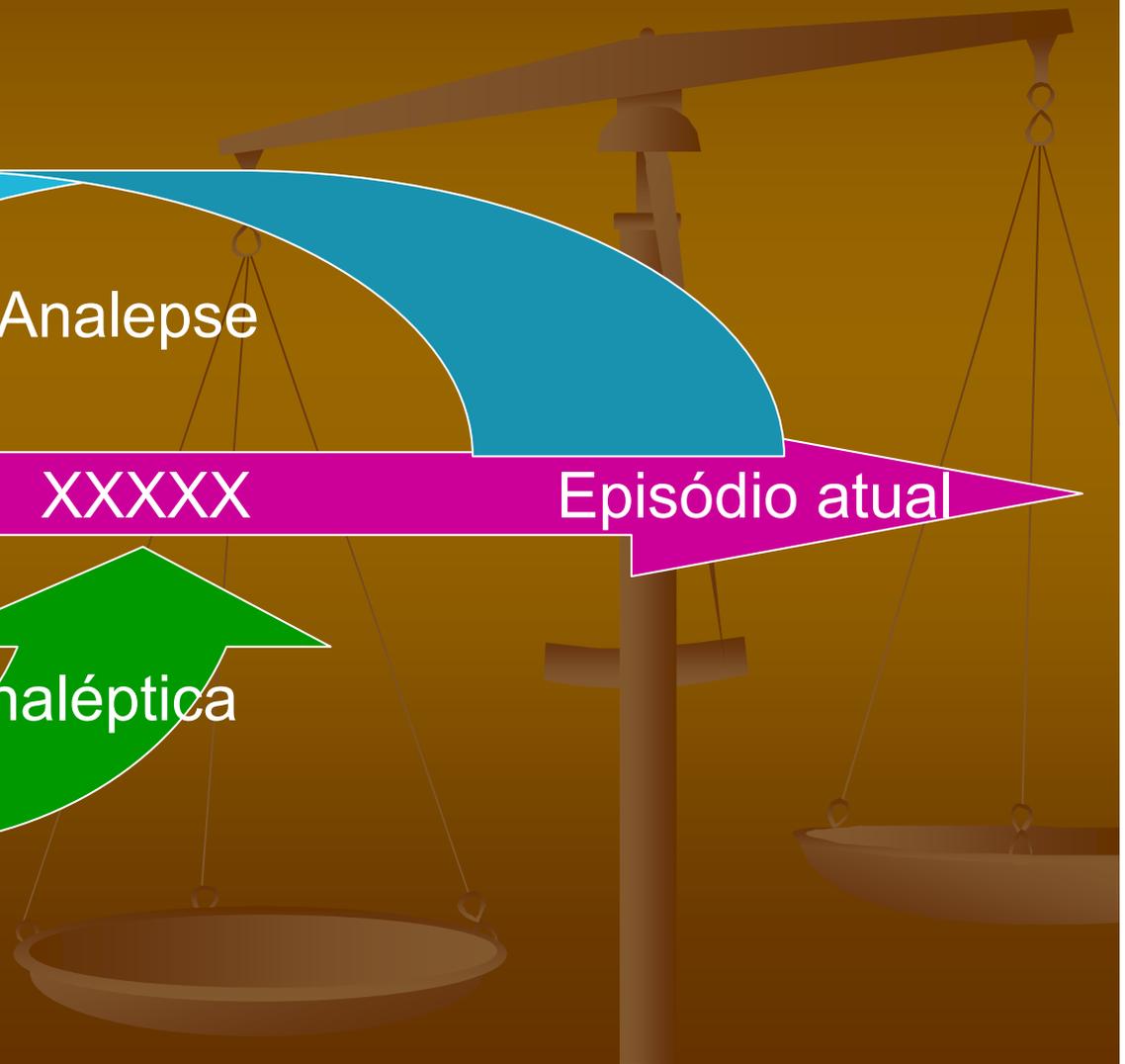
1º. Analepse

Ep. em analepse

XXXXX

Episódio atual

Episódio em prolepse-analéptica





PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

CEM ANOS DE SOLIDÃO

GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

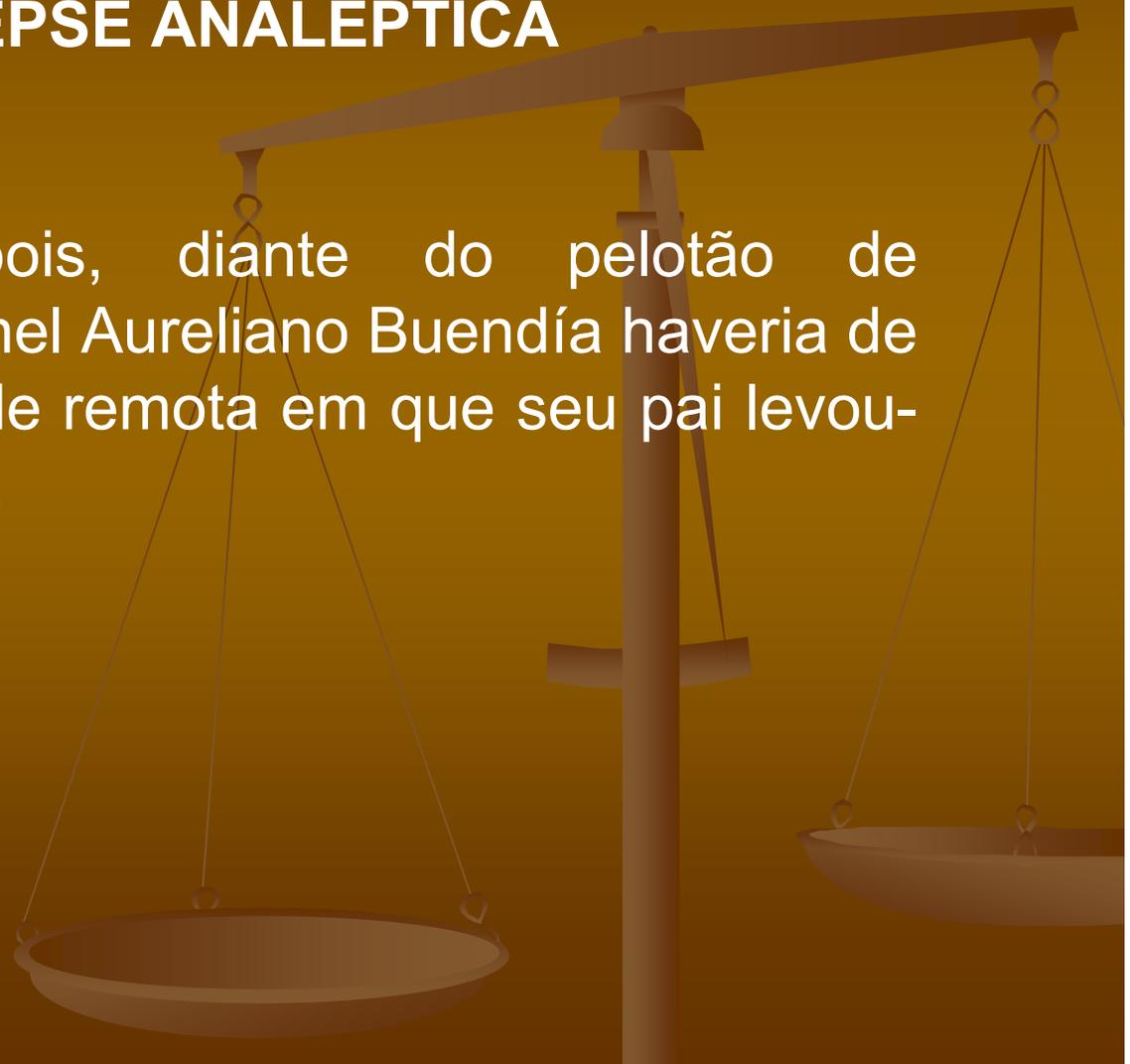
EDIÇÃO COM ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA BUENDÍA



Cem anos de solidão, de Gabriel Garcia Márquez,
começa pela antecipação de um retrospecto =

PROLEPSE ANALÉPTICA

Muitos anos depois, diante do pelotão de fuzilamento, o Coronel Aureliano Buendía haveria de recordar aquela tarde remota em que seu pai levou-o a conhecer o gelo.



LOST



montags 20:15 Uhr



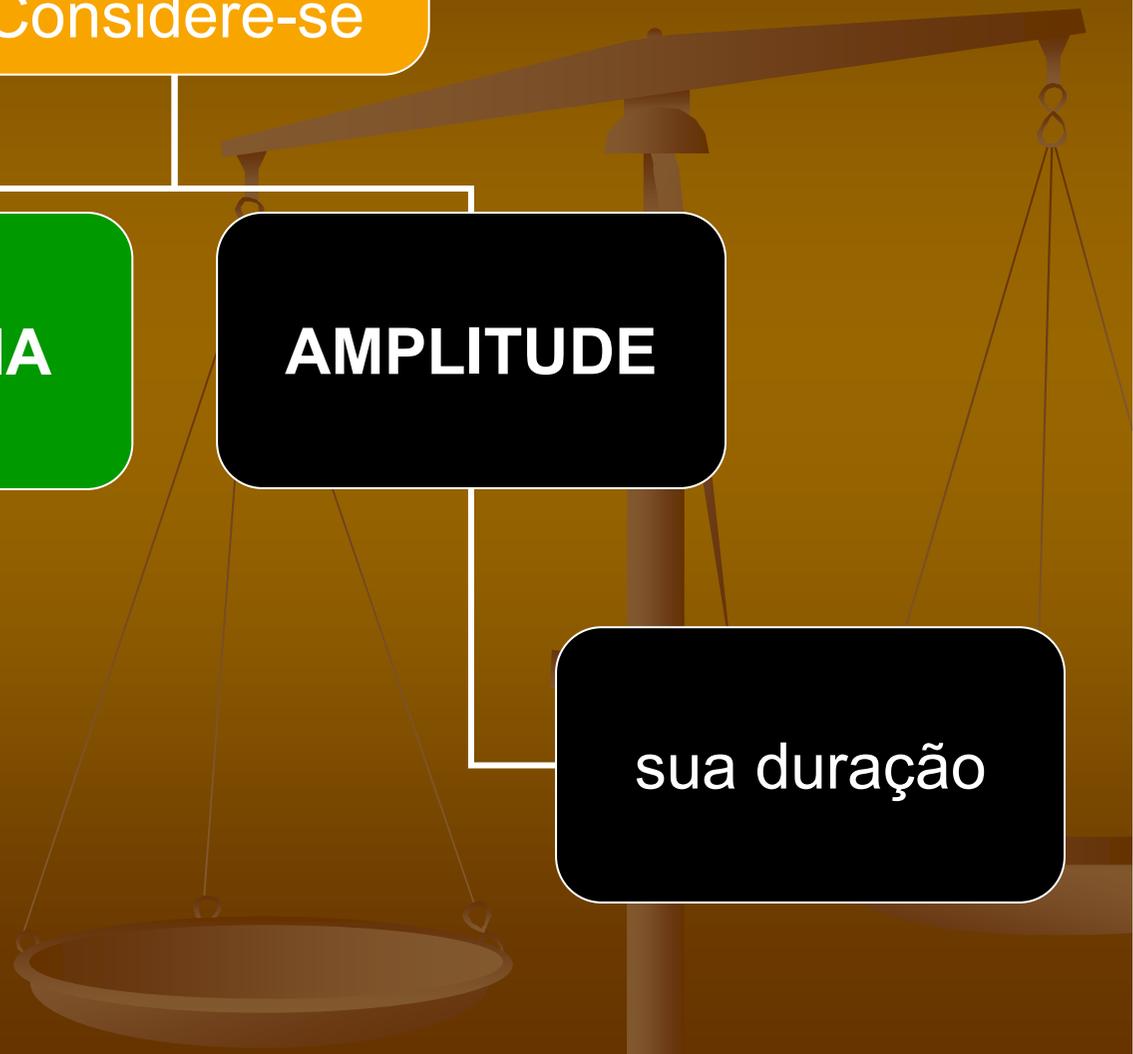
Em toda
Anacronia
Considere-se

DISTÂNCIA

em relação ao
“presente” diegético
da narrativa primária

AMPLITUDE

sua duração



As
Anacronias
podem ser

Externas

Internas

Mistas

EXTERNAS = sua duração começa e acaba antes do início da diegese da narrativa primária

Anacronia

INÍCIO – MEIO DA NARRATIVA - FIM



INTERNAS = começa depois do início da narrativa primária e termina antes do fim.

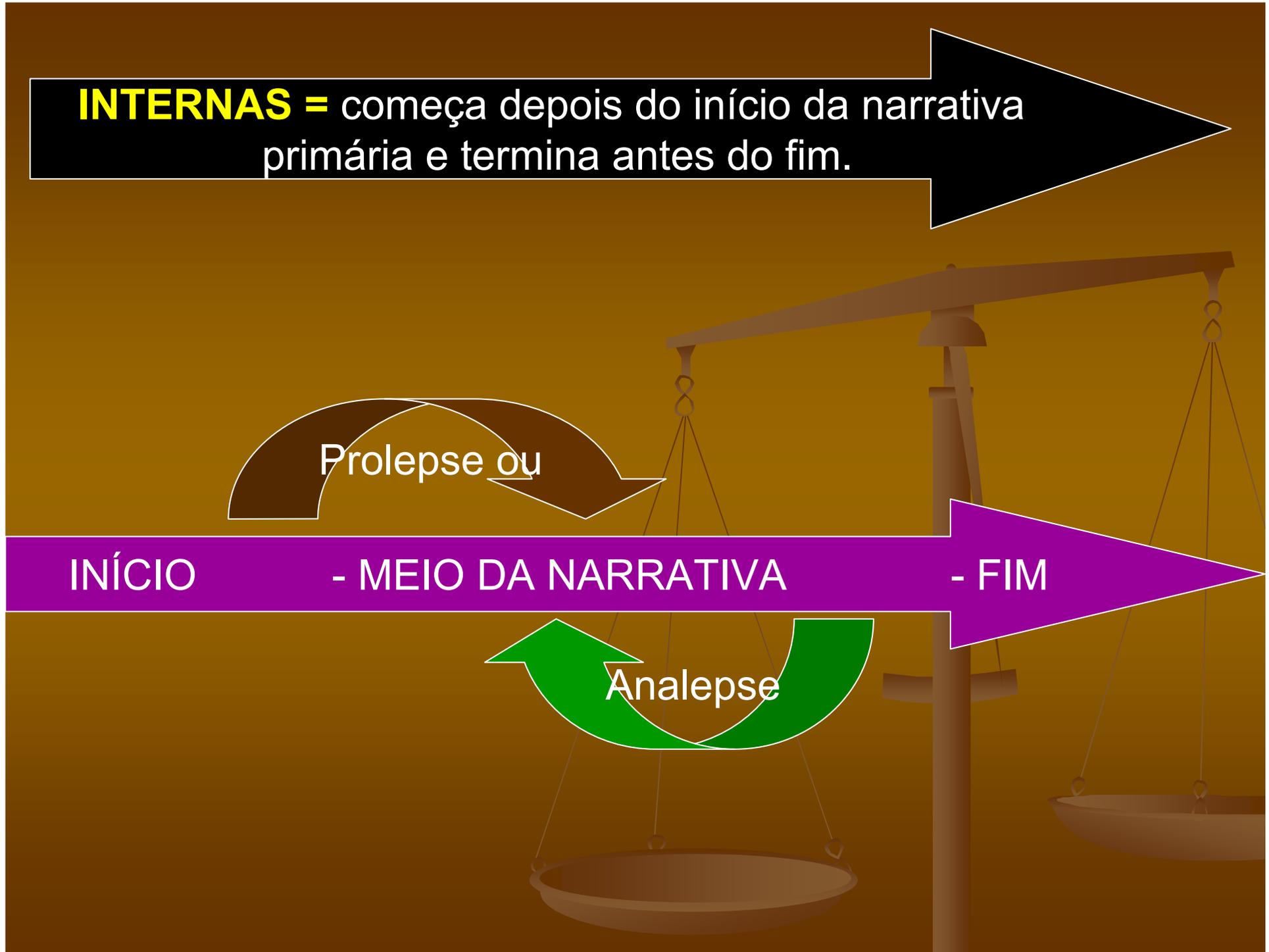
Prolepse ou

INÍCIO

- MEIO DA NARRATIVA

- FIM

Analepse



Anacronias
internas

Heterodiegéticas

Homodiegéticas

Personagem não
figurava na
narrativa primária

O inverso

Completivas

Repetitivas

Preenchem
Lacunas/omissões

Reiteram evento
ocorrido/a ocorrer

MISTAS (mais raras) = começa antes do início da narrativa primária e termina depois dele



INÍCIO – MEIO DA NARRATIVA - FIM



ORDEM
TEMPO DIEGESE X
TEMPO DISCURSO

ANACRONIAS

ANALEPSE

PROLEPSE

DISTÂNCIA

DURAÇÃO

EXTERNA

INTERNA

MISTA

HETERODIEGÉTICA

HOMODIEGÉTICA

COMPLETIVAS

REPETITIVAS



2 noções nos casos de variação do tempo diegese e discurso

Ordem

Duração

Anacronias

Analepse

Prolepse



DURAÇÃO =

a diferença entre

Tempo dos acontecimentos
(diegese)

Tempo despendido
para narrá-los (discurso)

DURAÇÃO

```
graph TD; A[DURAÇÃO] --> B[Uma história breve pode desenvolver-se num discurso longo!!!]; A --> C[Uma história longa, pode desenvolver-se num discurso curto!!!]; B --> D[Para sempre de Vergílio Ferreira 306 páginas e se passa numa tarde!!!]; B --> E[O romance Ulisses de James Joyce possui 800 páginas e se passa em 24h!!!];
```

Uma história breve
pode desenvolver-se
num discurso longo!!!

Uma história longa,
pode desenvolver-se
num discurso curto!!!

Para sempre de
Vergílio Ferreira
306 páginas e se
passa numa tarde!!!

O romance *Ulisses* de
James Joyce possui
800 páginas e se
passa em 24h!!!

DURAÇÃO
TEMPO DIEGESE X
TEMPO DISCURSO

ISOCRONIA

DIÁLOGOS

ANISOCRONIA

RESUMO

ELIPSE

DESCRIÇÃO

ANÁLISE
MINUCIOSA

DIGRESSÃO

NARRATIVA
SECUNDÁRIA

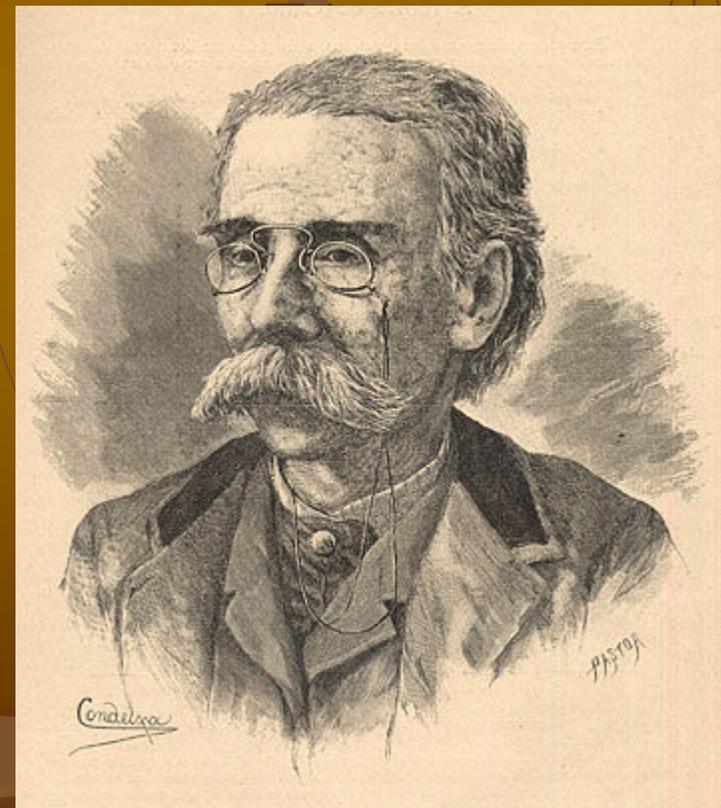
ISOCRONIA

coincidência entre a duração
da diegese e do discurso

DIÁLOGOS

No capítulo VII de *Agulha em palheiro* de Camilo, após um diálogo entre Paulina e Eugenia, o narrador comenta:

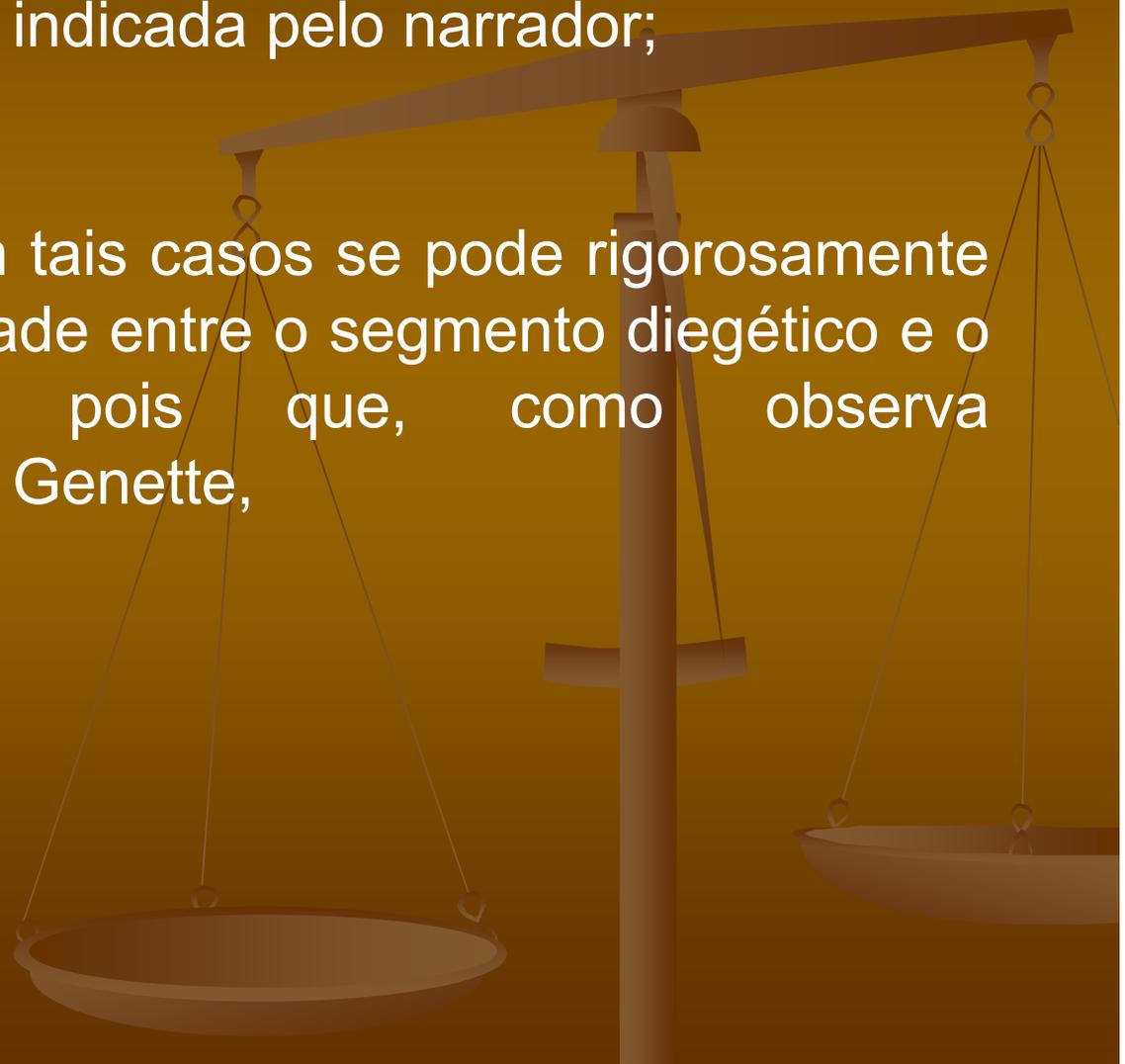
«Este diálogo, que parece estirado, correu em menos de quatro minutos»;



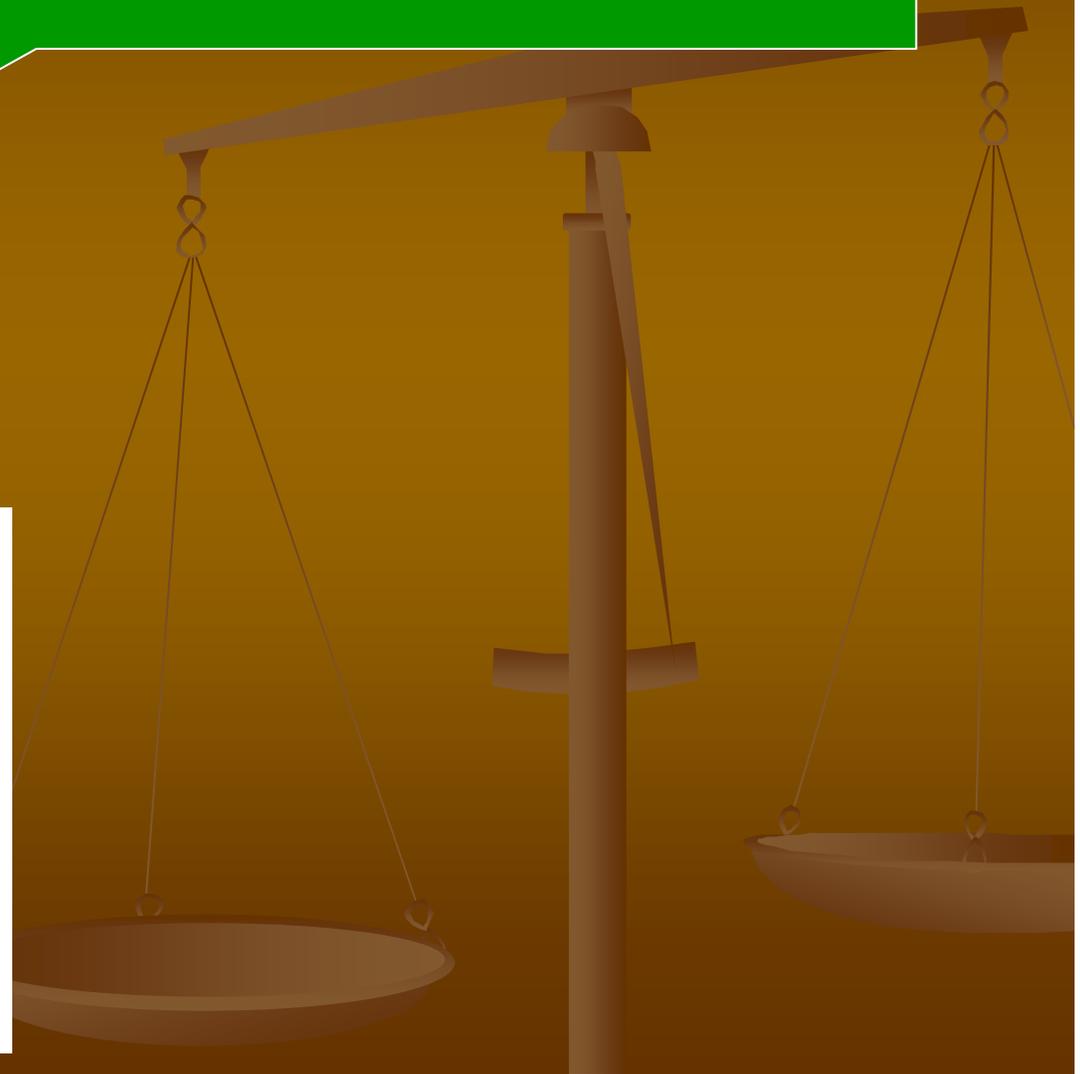
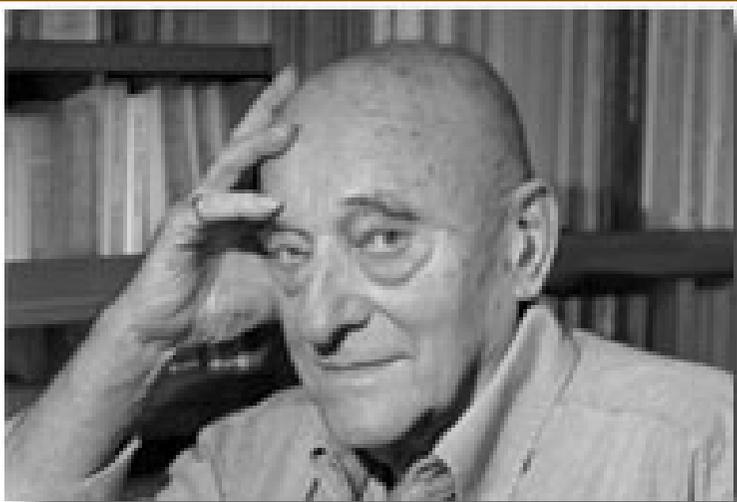
Camilo Castelo Branco

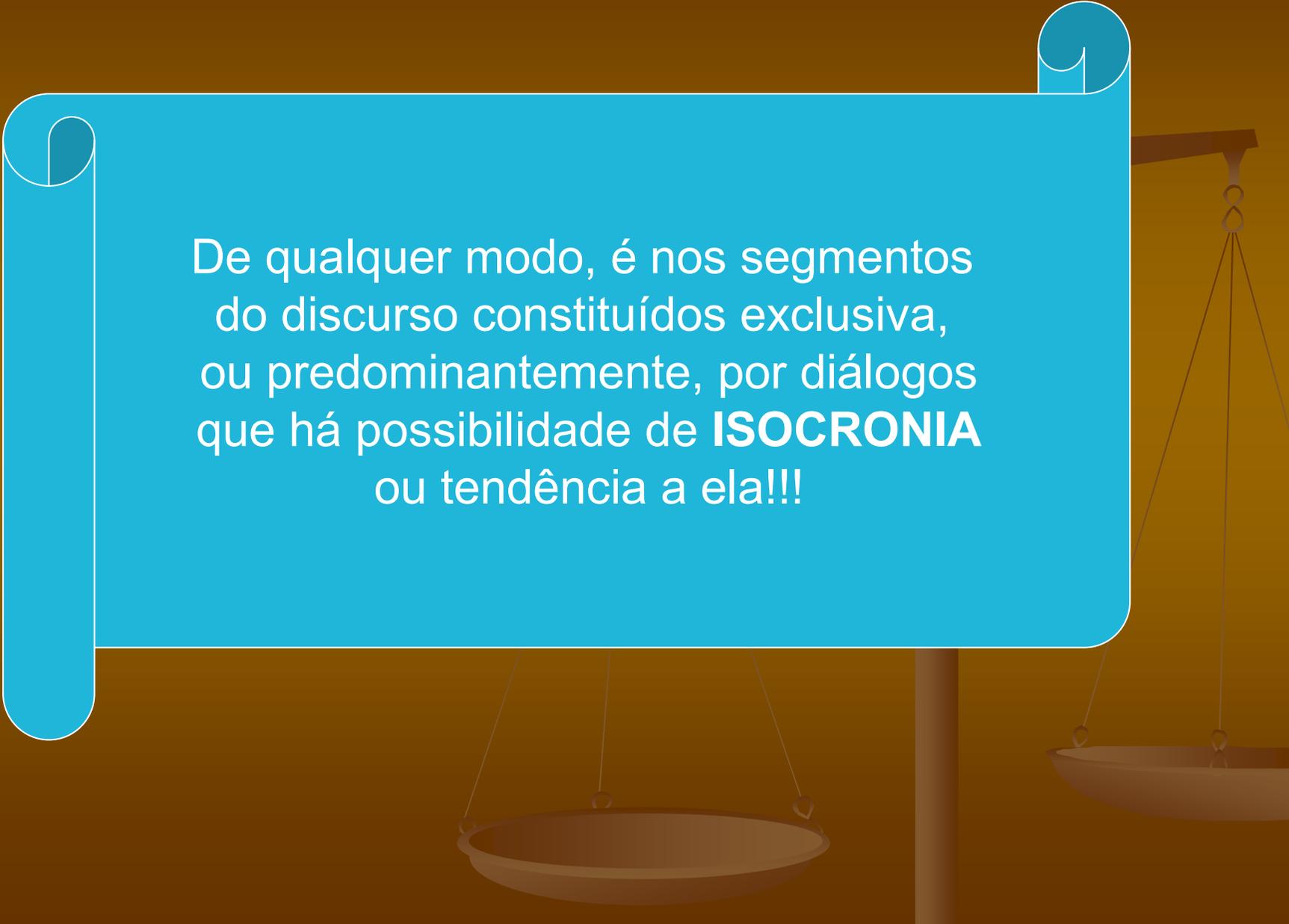
➤ Lendo esse trecho, sem pressas nem demoras, verificaremos que esta dura um pouco mais de três minutos, coincidindo portanto esta duração com a temporalidade diegética indicada pelo narrador;

➤ Todavia, nem em tais casos se pode rigorosamente falar de absoluta igualdade entre o segmento diegético e o segmento narrativo, pois que, como observa pertinentemente Gérard Genette,



O discurso não reproduz «a velocidade com a qual aquelas palavras foram pronunciadas, nem os eventuais tempos mortos da conversação».





De qualquer modo, é nos segmentos do discurso constituídos exclusiva, ou predominantemente, por diálogos que há possibilidade de **ISOCRONIA** ou tendência a ela!!!



24

FOX .COM / 24

ANISOCRONIAS

```
graph TD; A[ANISOCRONIAS] --- B[Tempo dos acontecimentos (diegese)]; A --- C[≠]; A --- D[Extensão do discurso gasto na narração];
```

Tempo dos acontecimentos
(diegese)

≠

Extensão do discurso gasto
na narração

ANISOCRONIAS

Tempo da
diegese > discurso

Resumo

Elipse

Tempo da
diegese < discurso

Descrição

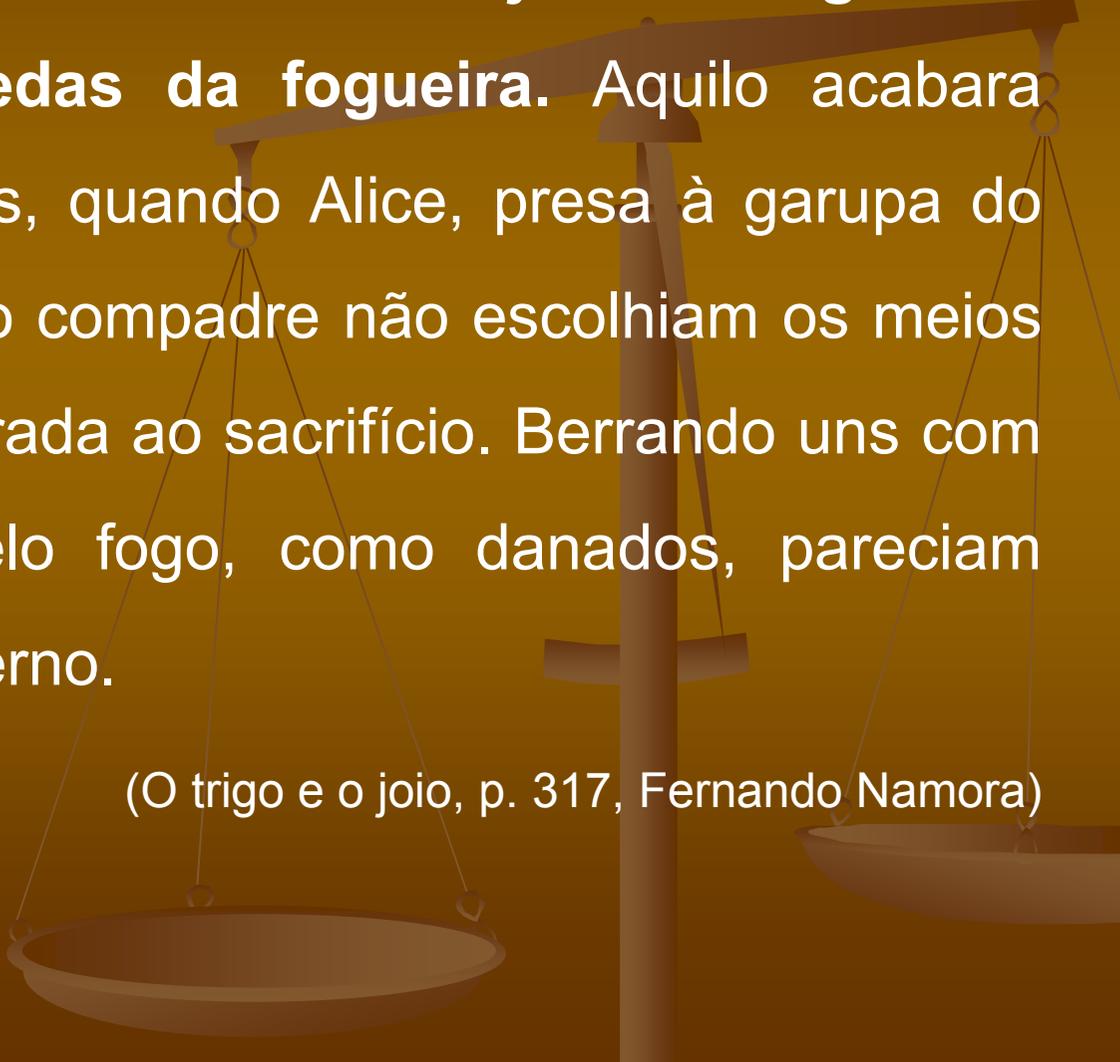
Análise Minuciosa

Digressão

Narrativa Secundária

Resumo = O narrador relata em poucas linhas acontecimentos diegéticos ocorridos em longos períodos de tempo;



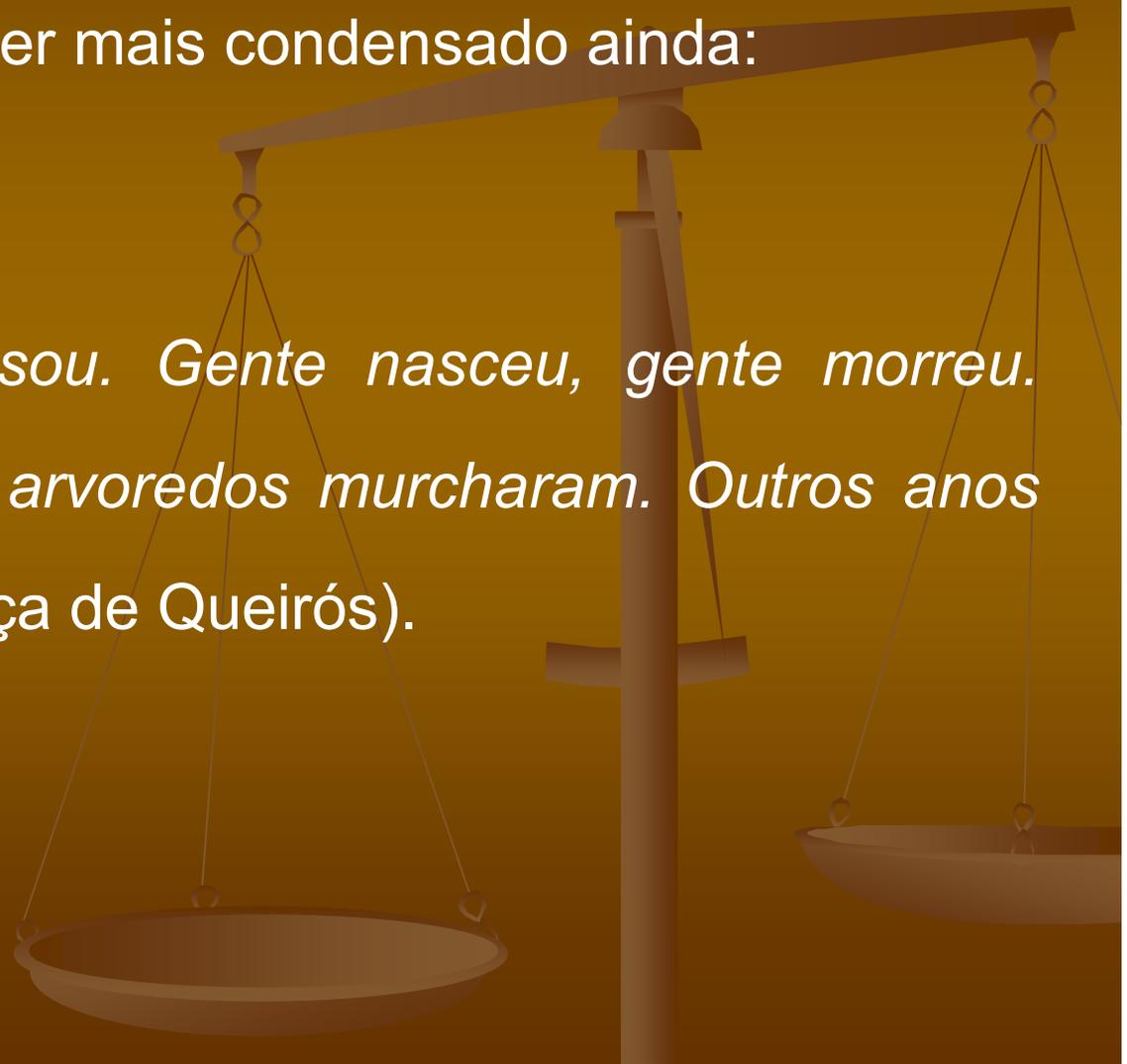


Tinham perdido a noite na ceifa dos tojos e a segurar a burra sobre as labaredas da fogueira. Aquilo acabara numa gritaria dos diabos, quando Alice, presa à garupa do animal, viu que o pai e o compadre não escolhiam os meios de manter a besta amarrada ao sacrifício. Berrando uns com os outros, lambidos pelo fogo, como danados, pareciam demônios fugidos do Inferno.

(O trigo e o joio, p. 317, Fernando Namora)

- O resumo pode ser mais condensado ainda:

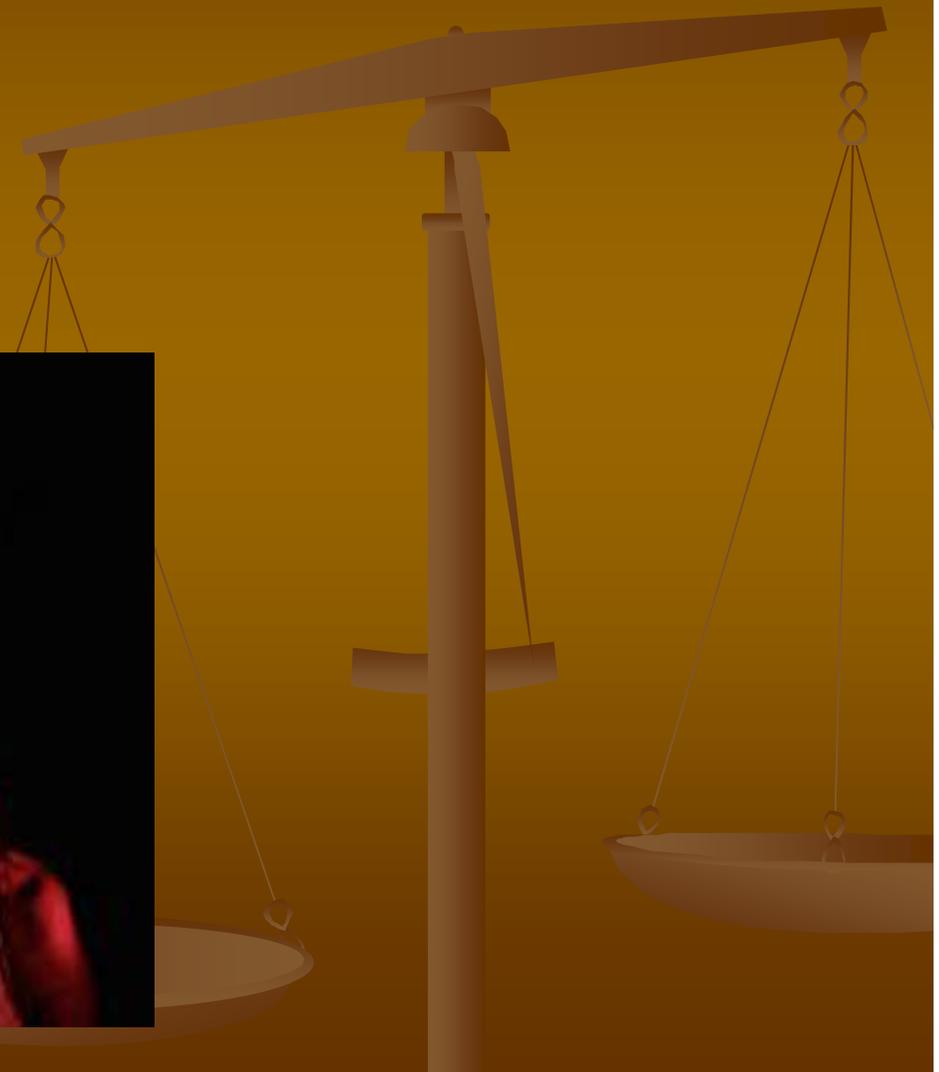
*E esse ano passou. Gente nasceu, gente morreu.
Searas amadureceram, arvoredos murcharam. Outros anos
passaram. (Os maias, Eça de Queirós).*



Elipse = o narrador exclui do discurso determinados acontecimentos, dando assim origem a mais ou menos extensos vazios narrativos!



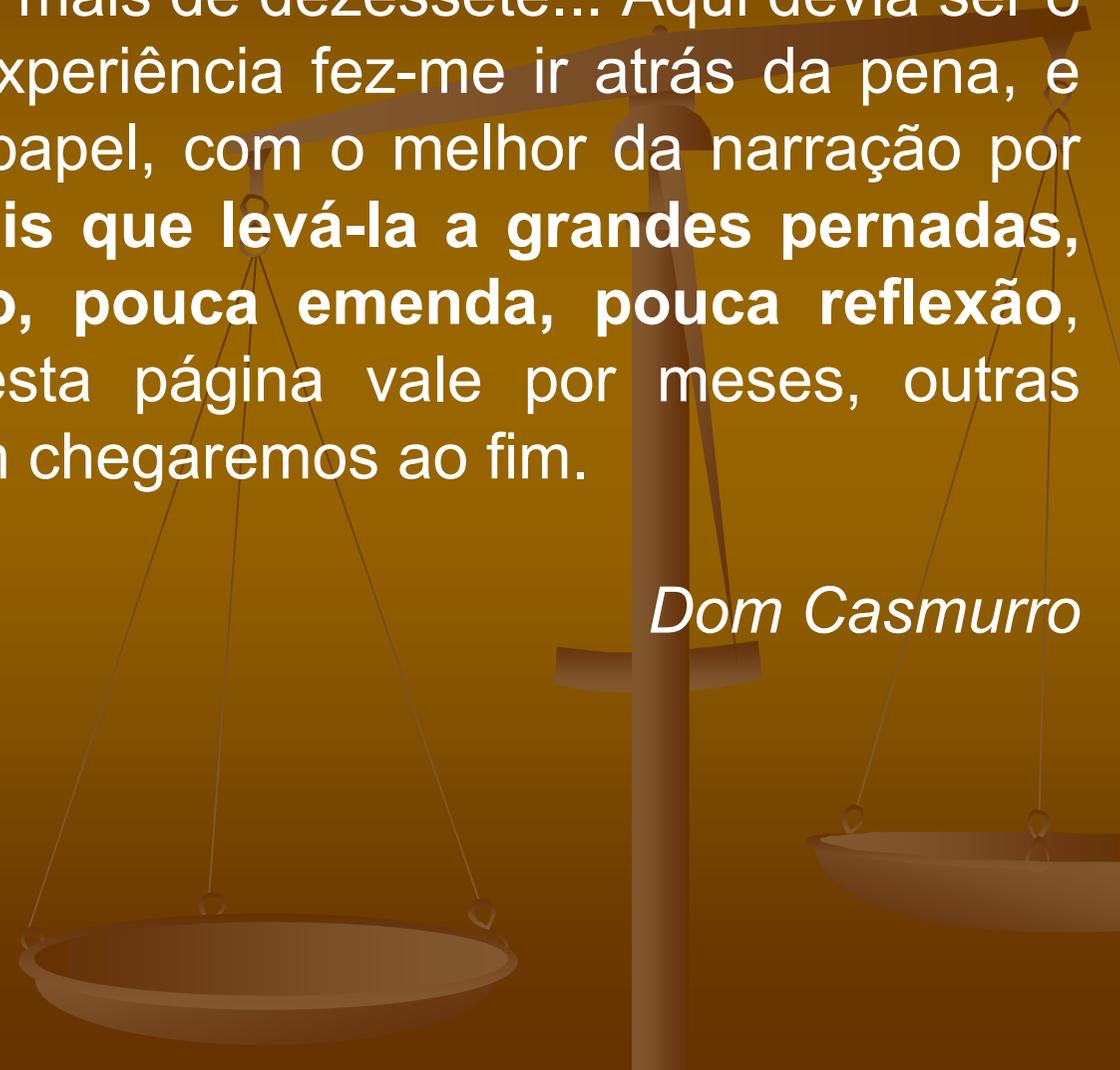
Às vezes, o narrador informa explicitamente o leitor de que eliminou fatos, por irrelevantes, monótonos, maçadores, escabrosos, etc.;



CAPÍTULO - A SAÍDA

Tinha então pouco mais de dezessete... Aqui devia ser o meio do livro, mas a inexperiência fez-me ir atrás da pena, e chego quase ao fim do papel, com o melhor da narração por dizer. **Agora não há mais que levá-la a grandes pernadas, capítulo sobre capítulo, pouca emenda, pouca reflexão, tudo em resumo.** Já esta página vale por meses, outras valerão por anos, e assim chegaremos ao fim.

Dom Casmurro





Outras
vezes,
porém, a
elipse não é
assinalada,
devendo o
leitor
identificá-la
pela análise

É o caos do mundo
transportado para o
texto.



ANISOCRONIAS

Vimos

Tempos da
diegese > discurso

Tempos
diegese < discurso

Resumo

Elipse

Descrição

Análise Minuciosa

Digressão

Narrativa Secundária

tempo do discurso

>

tempo da diegese

DESCRIÇÕES

**análises
minuciosas**
de um fato, ação,
gesto, estado
subjetivo

determina,
com as suas
pausas, um ritmo
vagaroso
da narrativa.



tempo do discurso
>
tempo da diegese

DIGRESSÕES

Divagação, devaneios:
que o narrador pode inserir no discurso
e que suspendem a progressão da diegese!

NARRATIVA SECUNDÁRIA

É a principal causa de alongamento da temporalidade do discurso em relação à temporalidade diegética.

Insere-se uma **narrativa segunda** na primária.

DURAÇÃO
TEMPO DIEGESE X
TEMPO DISCURSO

ISOCRONIA

DIÁLOGOS

ANISOCRONIA

RESUMO

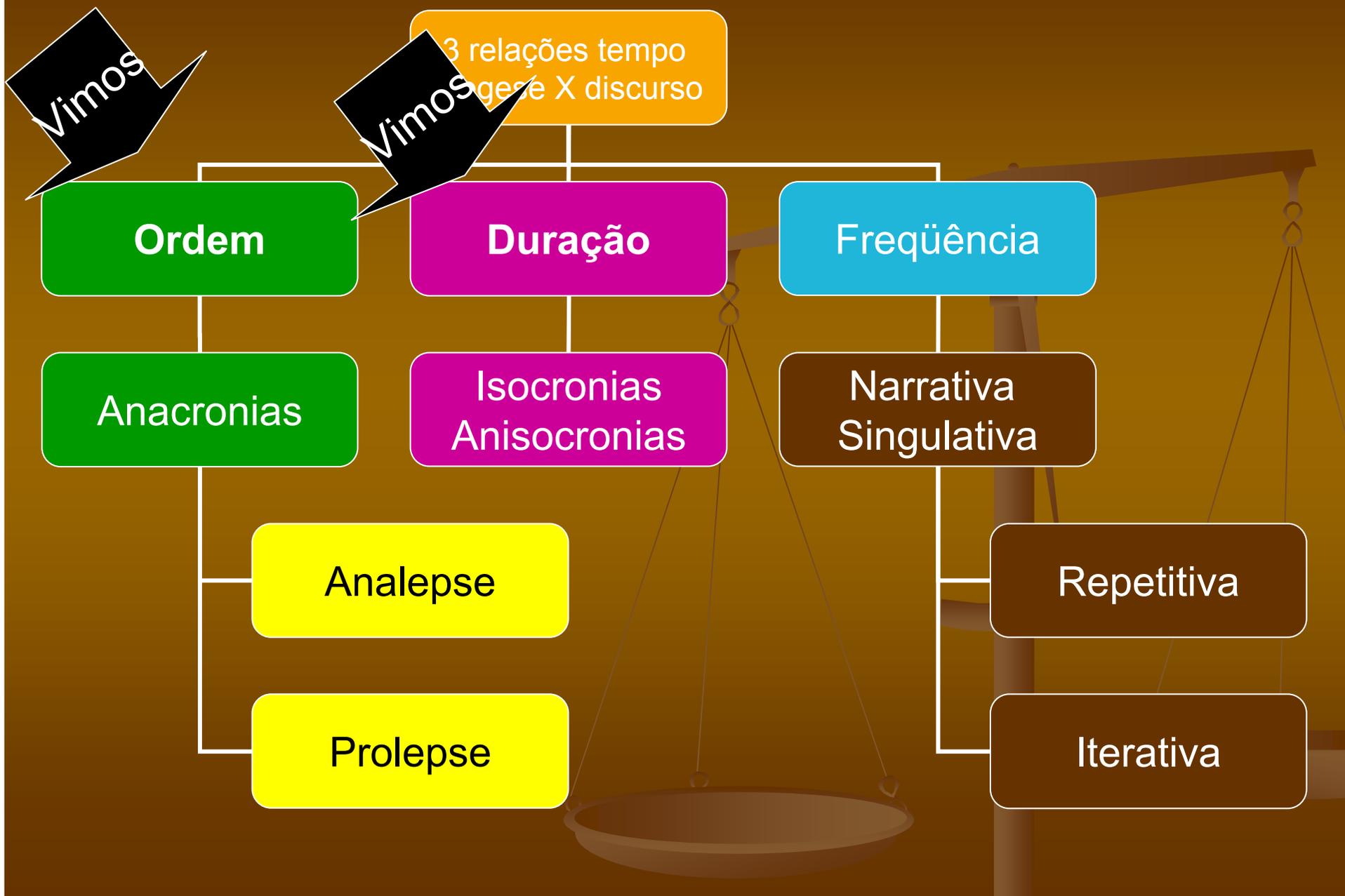
ELIPSE

DESCRIÇÃO

ANÁLISE
MINUCIOSA

DIGRESSÃO

NARRATIVA
SECUNDÁRIA



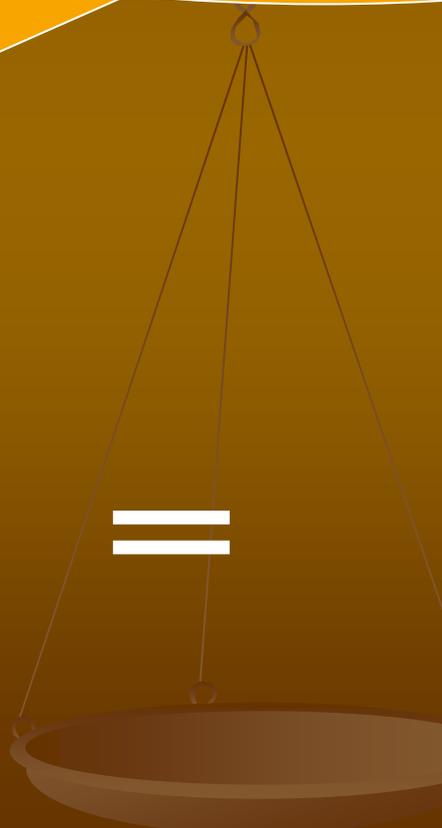


Relaciona-se com a REPETIÇÃO, um dos dados importantes na experiência comum do tempo!

FREQÜÊNCIA = capacidade do discurso de reproduzir os acontecimentos!!!

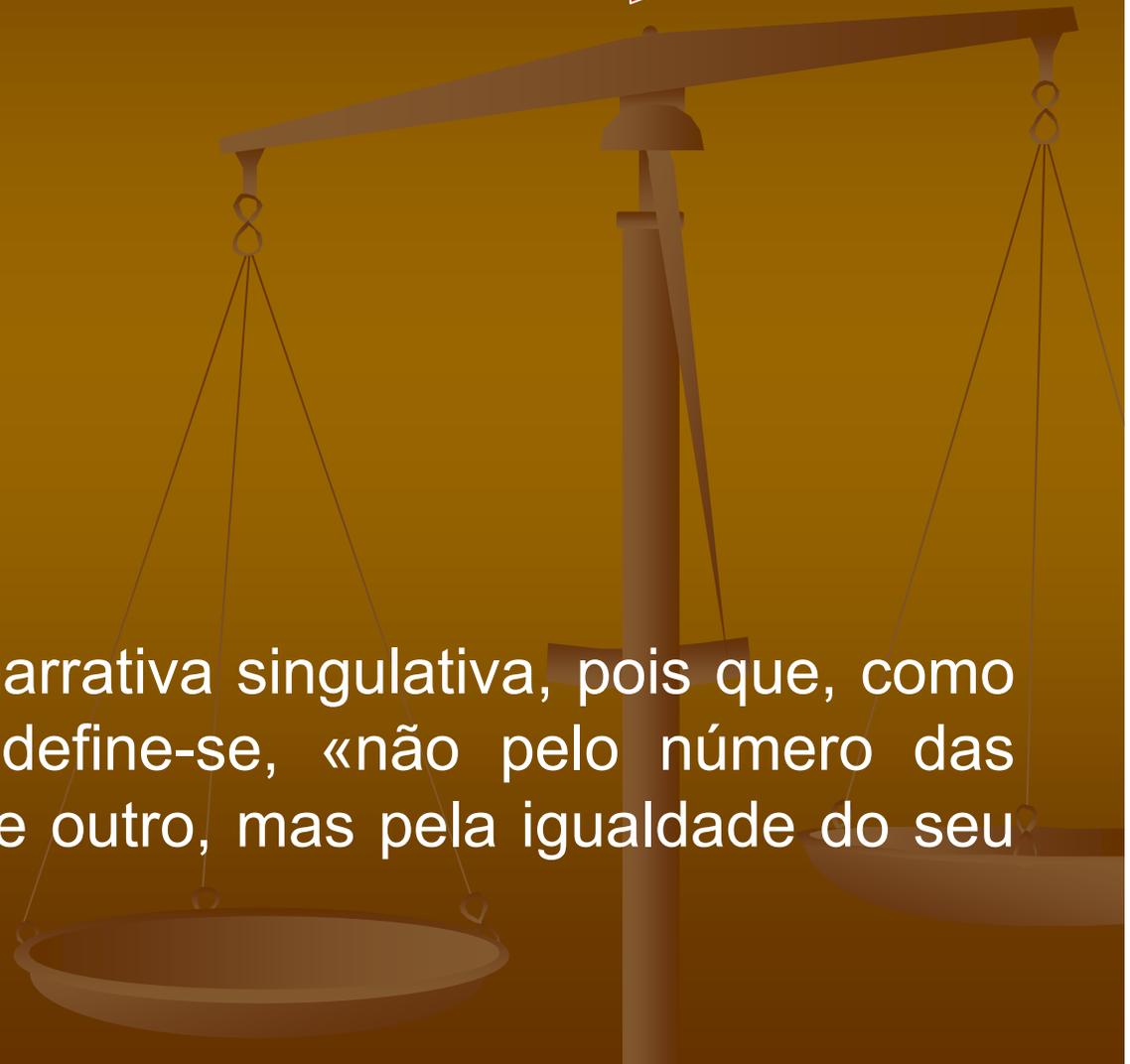
NARRATIVA SINGULATIVA =

Narra-se uma vez o que aconteceu
uma vez (é a regra da narrativa)



O discurso pode narrar n vezes o que aconteceu n vezes

(trata-se ainda de uma narrativa singulativa, pois que, como Genette observa, esta define-se, «não pelo número das ocorrências de um lado e outro, mas pela igualdade do seu número»);



NARRATIVA REPETITIVA =

Narra-se n vezes o que aconteceu uma vez!

N

x

=

1

Every day
every second
you make a decision
that can change
your life

A Tom Tykwer Film

run lolala run

with **FRANKA POTENTE**

MORITZ BLEIBTREU

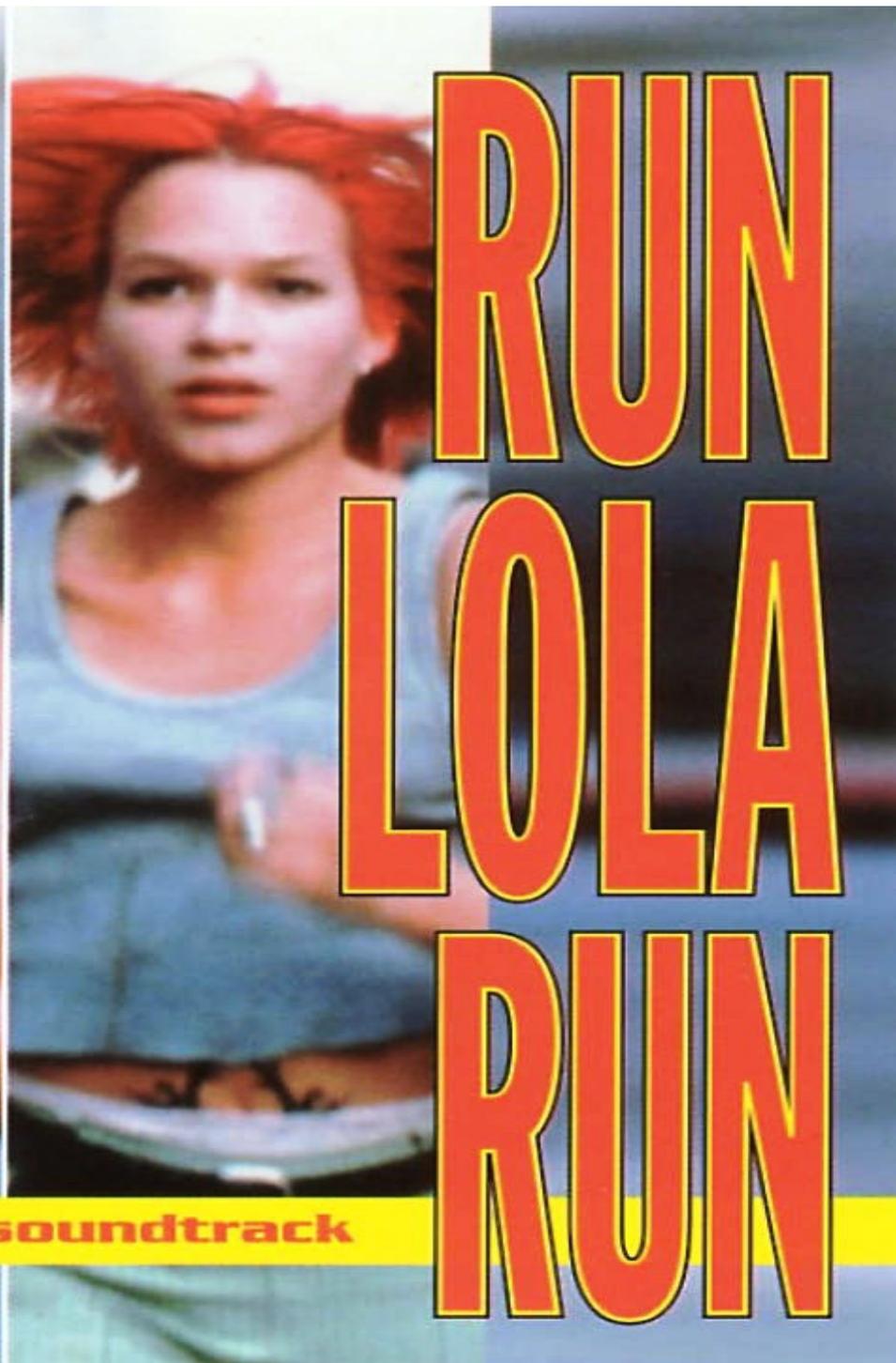
A Miramax International release of *Run Lola Run* presents *run lolala run*
starring **Franka Potente** and **Moritz Bleibtreu**, also starring **Herbert Knaup**
Nina Petri, Joachim Król, Armin Rohde, Heino Ferch, Suzanne von Borsody, Sebastian Schipper
Director of Photography: **Frank Griebe** Edited by **Mathilde Bonafant** Original Score: **Frank Behnke** Sound Editor: **Matthias Lempert**
Music: **Tom Tykwer**, **Johnny Klimek**, **Reinhold Heil** Set Design: **Andreas Manasse** Costume Design: **Monika Jacobs**
Script Editor: **Gebhard Henke (WDR)** and **Andreas Schreitmüller (arte)**
Production Manager: **Ralph Brosche** Line Producer: **Maria Kopf** Executive Producers: **Stefan Arndt** Written and directed by **Tom Tykwer**

The film was supported by **WDR**, **FFA**, **arte**, **DAYDREAM** and by the German Ministry of the Interior

K-FINE
CREATE YOUR DASH

MIRAMAX
INTERNATIONAL

BAVARIA FILM
INTERNATIONAL



**RUN
LOLA
RUN**

original motion picture soundtrack

**"IT WILL TWIST YOU
AND TERRIFY YOU
OVER
AND OVER!"**
★★★★★

FROM CHRISTOPHER SMITH DIRECTOR OF CREEP AND SEVERANCE

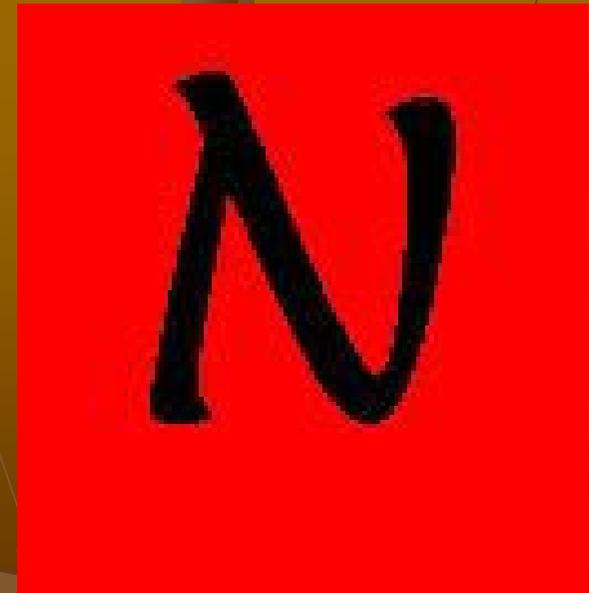
TRIANGLE

FEAR COMES IN WAVES

ICON ENTERTAINMENT INTERNATIONAL FRAME STORE and UK FILM COUNCIL present in association with THE PACIFIC FILM AND TELEVISION COMMISSION & SKY FIVE and PICTURES IN PARADISE Production
© 2009 ROBERT RODRIGUEZ and "TRIP" MELINDA BORDING and STUNTS GAZZARD by CHRISTOPHER HENSON "GASU IN AN MORIA" ALL RIGHTS RESERVED. NO PART OF THIS PUBLICATION MAY BE REPRODUCED OR TRANSMITTED IN ANY FORM OR BY ANY MEANS, ELECTRONIC OR MECHANICAL, INCLUDING PHOTOCOPYING, RECORDING, OR BY ANY INFORMATION STORAGE AND RETRIEVAL SYSTEM.

NARRATIVA ITERATIVA =

Narra-se uma só vez o que aconteceu n vezes
(**narrativa iterativa** ou **freqüentativa**).





No Pará, CHOVIA
todas as tardes!

FREQÜÊNCIA

TEMPO DIEGESE X

TEMPO DISCURSO

NARRATIVA
SINGULATIVA

NARRATIVA
REPETITIVA

NARRATIVA
ITERATIVA

SÍNTESE

3 relações tempo
diegese X discurso

